

ARTEIROS DO COTIDIANOS: DESAFIOS DO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL

ANA BEATRIZ REINOSO ROSSE¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – anabeatrizreinoso25@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Arteiros do Cotidiano, criado em 2010 pela professora Cláudia Brandão, é um projeto de extensão vinculado às disciplinas de Artes Visuais na Educação II e III, do curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, onde é abordado, principalmente, metodologias para o ensino das Artes Visuais na educação básica. Com o intuito de motivar estudantes do ensino fundamental a expressarem e representarem ideias críticas, conceitos, emoções e sensações por meio de poéticas individuais e coletivas, o projeto, atua como uma “ponte” entre os graduandos da universidade e os alunos do ensino fundamental das escolas do município de Pelotas.

De tal modo, o presente artigo tem como proposta discorrer brevemente sobre o projeto; expor as análises geradas a partir das observações das aulas dos alunos da disciplina AVNE III, no ano de 2023, após a volta ao modo presencial; e ponderar os atos da pandemia, da tecnologia e a velocidade do mundo contemporâneo na educação, na escrita e na aprendizagem dos alunos. Para tanto utilizaremos os pensamentos de Paulo Freire (1997) acerca da educação e do educador.

2. METODOLOGIA

Visando o desenvolvimento de uma aprendizagem acadêmica no contexto de uma participação socialmente ativa, experimentando o mundo de forma significativa, e interpretando os fatos cotidianos articulados aos conteúdos disciplinares, o Arteiros do Cotidiano vem como uma maneira de complementação das atividades desenvolvidas nas disciplinas AVNE II e AVNE III, elaborado com o intuito de estimular e fortalecer a relação dos acadêmicos com a realidade escolar do município de Pelotas, privilegiando processos (auto)formadores.

O projeto contempla a realização de atividades teóricas e práticas com estudantes da educação básica, explorando diferentes linguagens artísticas, assim como: o desenho, a colagem, a pintura, a gravura, a fotografia e o vídeo, dentre outras; oportunizando à comunidade escolar pelotense discussões poéticas acerca das relações do ser contemporâneo com o meio; e aos acadêmicos práticas docentes em sintonia com a realidade escolar.

O projeto atua no sentido de atender demandas sociais. Enquanto os acadêmicos conhecem as comunidades e as escolas, eles conhecem e entendem melhor o funcionamento das instituições escolares, possibilitando, assim, a construção de um diálogo afinado com as necessidades comunitárias. Tendo em vista a frase de Paulo Freire (1997, p.13), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, o Arteiros vem como um meio de não somente os

graduandos colocarem em ação seus saberes/práticas, mas também aprenderem como se dá o processo de educação no dia a dia real, não idealizado.

Nos anos de 2021 e 2022 o Arteiros também atuou de maneira remota, oferecendo cursos de formação continuada, tendo como público-alvo professores e estudantes de arte. Com o intuito de aprofundar discussões sobre o ensino das artes visuais na educação básica, em processos de EaD, possibilitando a ampliação dos repertórios visuais e das referências artísticas dos participantes.

Nesse ano de 2023 o Arteiros retorna ao presencial atuando em uma escola do município de Pelotas com duas turmas do 6º ano do ensino fundamental levando discussões acerca das representações do corpo, identidade e cultura. O retorno às aulas presenciais após um período de ensino remoto ou devido a eventos disruptivos, como a pandemia de COVID-19, trouxe uma série de desafios e dificuldades para estudantes, professores e instituições de ensino.

Através das aulas observadas, foi notado que a transição do ambiente familiar para o escolar ainda se demonstra desafiadora para a maioria dos estudantes. A adaptação a uma sala de aula, interações sociais presenciais e regras escolares ainda não é algo estável. O perfil da sala de aula é caracterizado por alunos com dificuldade de atenção, agitados, hiperativos e em algumas instâncias até mesmo violentos; é notado que alguns alunos perderam habilidades acadêmicas, motoras e sociais durante o período de ensino remoto, o que dificulta muito a reintegração ao ambiente escolar tradicional que ainda é imposto pelas instituições. Além da maneira como a pandemia e o isolamento social impactaram negativamente a saúde mental causando estresse, ansiedade e trauma em muitos estudantes, professores e funcionários das escolas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita à mão perpassa e acompanha toda a história da humanidade, entre tudo, com o constante avanço da tecnologia e a multifuncionalidade proporcionada pelos aparatos tecnológicos, esta forma de escrita tem sido cada vez mais abandonada e, conseqüentemente, substituída pelo mais rápido, prático e mais convenientemente comunicável e compartilhável, a escrita digital.

A escrita na era digital é profundamente influenciada pelas tecnologias e meios digitais, e essa mudança tem impactado significativamente a forma como as pessoas criam, compartilham e consomem textos. Vários são os pontos positivos resultados de tal mudança, entretanto, quando visualizamos esta no contexto educacional observamos uma ampla gama de malefícios e uma educação cada vez mais degradada.

A escrita digital muitas vezes adota uma linguagem mais informal e abreviada, especialmente em mensagens de texto e nas redes sociais. Isso tem um impacto na evolução da língua e nas normas de comunicação escrita. Mudanças são necessárias, não sejamos puritanos, principalmente em algo tão intrínseco ao ser humano como a língua e as expressões dessa, todavia, quando tal impacto é observado em alunos que deveriam estar completamente alfabetizados, devemos nos atentar a tal problema e ponderar maneiras de sanar tal impacto.

Nas disciplinas de estágio de intervenção e regência em língua portuguesa, aplicadas em uma turma de 7º ano, e nas aulas ministradas pelos participantes do Arteiros em duas turmas de 6º ano, foram notadas algumas abismais e preocupantes constantes: muitos alunos não são letrados, muitos não reconhecem

a escrita cursiva e uma assombrosa parcela dos alunos nem mesmo se encontram alfabetizados.

Aqueles alunos que se encontram alfabetizados, em suas produções é possível observar a influência cada vez mais latente da escrita digital. Perpassando pela utilização da letra de forma, o alinhamento do texto que não chega ao fim da folha, como se estivesse alinhado à esquerda; usos indevidos ou não usos de letras maiúsculas, pontuações quase inexistentes e um léxico oriundo da cibercultura de um neologismo cada vez mais latente. Ao ler uma produção dos alunos, o sentimento que se tem é de estar lendo uma postagem em alguma rede social.

A transição entre diferentes estilos de escrita tornou-se uma habilidade importante. As pessoas agora precisam adaptar sua escrita com base no contexto, passando da comunicação informal das redes sociais para uma forma mais formal em documentos acadêmicos ou profissionais. Essa mudança constante de estilos pode ser desafiadora e como é observado é um ato que não está sendo realizado pelos estudantes.

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo na educação brasileira, afetando alunos, professores, escolas e o sistema educacional como um todo. No exame internacional *Pirls* (Progress in International Reading Literacy Study), realizado a cada cinco anos pela *International Association for the Evaluation of Educational Achievement* (IEA), que avalia as habilidades de leitura e escrita de crianças entre nove e dez anos, 4º ano de escolarização; o Brasil ocupou a 52ª posição entre 57 países participantes (Inep, 2023), nos resultados divulgados em maio de 2023, ficando acima apenas da Jordânia, Egito, Marrocos e África do Sul.

Foi observado, então, que quatro em cada dez estudantes brasileiros não dominam as habilidades básicas de leitura e interpretação. Por exemplo os estudantes não sabiam identificar e reproduzir um fragmento de informação explícito no texto (Inep, 2023), demonstrando, assim, a enorme ruptura na educação brasileira agravada pela crise sanitária.

4. CONCLUSÕES

A interseção dos atos da pandemia, do avanço tecnológico e da aceleração do mundo contemporâneo trouxe mudanças profundas e complexas para a educação, a escrita e a aprendizagem dos alunos. Há oportunidades e benefícios na integração da tecnologia na educação, todavia é necessário um equilíbrio e promover uma educação que prepare os alunos para enfrentar os desafios da era digital, ao mesmo tempo em que preserva habilidades fundamentais, como a escrita, a comunicação e a capacidade de aprendizado profundo e crítico.

Para isso faz-se necessário cada vez ações mais como as práticas desenvolvidas pelo Artesãos do Cotidiano. Elas demonstram que mesmo em meio a uma educação tão sistematicamente enfraquecida e com o futuro do educar cada vez mais opaco, ainda é possível observar, analisar e elaborar meios para tentar minimizar os impactos de tais problemas. E assim sendo capaz de promover uma educação de qualidade de forma gratuita e fazer uma conexão entre o estudante universitário, o professor de ensino médio e o público escolar, levando o conhecimento acadêmico para além das barreiras universitárias e colocando-o em prática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Brasil no PIRLS 2021**: Sumário Executivo. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Enciclopédia PIRLS 2021**: Capítulo Brasil. Brasília, DF: Inep, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.